

Analogias em medicina

José de Souza Andrade Filho

Fungo e liturgia

Robert Hooke, em 1665, publicou a *Micrographia*, contendo a primeira ilustração de um fungo. Pietro Antonio Micheli, botânico de Florença, em trabalho divulgado em 1729, descreveu 900 fungos, quando introduziu o termo *aspergillus* (do lat. *aspergillum*) para designar o aparelho conidiano do fungo por semelhança ao aspersório (os conídios são esporos que nascem na extremidade dilatada de filamentos micelianos nos gêneros *Aspergillus* e *Penicillium*) (com base em Severo, L.C. e Londero, A.T. in Veronesi e Focaccia, *Tratado de Infectologia*, Ed. Atheneu, 1997).

Aspersório é o instrumento de metal ou de madeira usado em cerimônias litúrgicas. O mesmo que hissope, isto é, a varinha de madeira com pêlos numa extremidade ou a haste de metal, terminada por uma esfera cheia de orifícios que serve nas igrejas para aspergir água-benta sobre os fiéis. Consta que um jovem erudito em cidade do interior paulista, saiu cabisbaixo e deprimido da igreja, dizendo que fora hissopado sem parcimônia pelo celebrante, o que colocou sob suspeita sua postura machista, pois os recatados parquianos ignoravam o significado do verbo hissopar (= aspergir com o hissope, borrifar).

Na *Bíblia*, no livro Levítico, há referência ao aspersório na purificação dos leprosos: "o sacerdote ordenará que um dos pardais seja imolado num vaso de barro sobre águas vivas. Outro pardal, que está vivo, ele o ensopará com o pau de cedro, escarlate e hissope no sangue do pardal imolado: e com este sangue fará 7 aspersões sobre aquele que está para purificar, a fim de que ele fique legitimamente purificado".

Alguns fungos do gênero *Aspergillus* são patogênicos (*A. fumigatus*, *A. flavus* e *A. niger*), podendo provocar pneumopatias, arterite, ceratite, endocardite, lesões no sistema nervoso central associadas a Aids etc. Podem também produzir aflatoxinas, responsáveis pela contaminação de alimentos e por carcinogenicidade, principalmente no fígado (hepatocarcinoma).



Azeitona bloqueia trânsito em recém-nascido

A oliveira é árvore da família das oleáceas, originária da região mediterrânea, de pequenas folhas verde-acinzentadas, cujos frutos (azeitonas ou olivas) são drupas oleaginosas, que servem na alimentação humana em espécie ou sob a forma de azeite delas extraído (*Anrélio*).

Uma doença comum do recém-nascido, responsável pela maioria dos casos de indicação cirúrgica nos primeiros meses de vida, é a estenose hipertrófica do piloro, descrita pela primeira vez por Hirschsprung, médico dinamarquês, em 1887. Nesta condição ocorre marcante hipertrofia e

hiperplasia das camadas musculares do piloro, especialmente da circular, que pode atingir até 1 cm de espessura, resultando em estenose do canal pilórico. O estreitamento se instala gradualmente na transição entre o antro e o piloro, terminando abruptamente do lado duodenal. Nesse local a musculatura hipertrofiada projeta-se dentro da luz duodenal semelhantemente ao colo do útero na vagina ("focinho de tenca"). A etiologia é obscura, a incidência é de 1 para 800 nascimentos em brancos e 1 para 2.000 em negros e o sexo masculino é mais acometido que o feminino numa proporção de 4:1.

A criança apresenta vômitos não biliosos entre a terceira e a sexta semanas de vida, às vezes em jato, e está sempre faminta. A perda de eletrólitos provoca alcalose hipoclorêmica. Pode ser observado peristaltismo de luta ao nível do epigástrio ou mesmo obstrução grave, dilatação gástrica e ulceração com hemorragia. Na maioria dos casos (95%, segundo muitos autores) pode-se palpar o piloro hipertrofico no lado direito do epigástrio, que se apresenta como massa ovóide, firme e móvel, de 2 a 3 cm, assemelhando-se



a uma azeitona, donde a denominação de *oliva pilórica* (do ingl. *pyloric olive*). O estudo radiológico mostra a estenose hipertrófica e a imagem do canal pilórico estreitado: sinal do cordão. Atualmente a ultra-sonografia abdominal é o método de escolha para o diagnóstico. O tratamento é cirúrgico, com técnica operatória que anula o "efeito azeitona" e o prognóstico é muito bom.

Pão com manteiga no coração

O reconhecimento de uma pericardite aguda e de um pericárdio com aderências foi feito por Matthew Baillie, médico inglês do século XVIII/XIX e também por outros autores. O aspecto reticulado típico do material fibrinoso já fora observado por Jean N. Corvisart e René T. H. Laennec, ambos médicos franceses de grande prestígio e contemporâneos de Baillie. Laennec – inventor do estetoscópio –, ao exame do coração em necropsias, criou o conceito de pericardite tipo pão com manteiga. Esta expressão, retida por Hope, outro médico ilustre da época, passou a ser usada em todos os textos médicos posteriores sobre patologia do coração.

A forma mais freqüente de pericardite reumática é a fibrinosa/serofibrinosa. O líquido anormal no saco pericárdico é turvo e contém fibrina, células inflamatórias e mesoteliais. A olho nu, especialmente no estágio agudo da cardiopatia reumática, os folhetos visceral e parietal do pericárdio encontram-se recobertos e colados frouxamente por depósitos de exsudato fibrinoso, branco-amarelado e friável, assemelhando-se às superfícies irregulares e rugosas de duas fatias de pão com manteiga que foram apertadas e depois

separadas. É a chamada "pericardite em pão com manteiga" (no esp. *pan con mantequilla*; no ingl., *bread-and-butter appearance*). Outras denominações baseadas no mesmo aspecto são "coração viloso, felpudo, hirsuto ou piloso (tricocardia)". A pericardite urêmica vista na insuficiência renal é também desse tipo. Outras causas são infarto do miocárdio, fase inicial de infecção bacteriana, radiação do tórax, collagenoses (LES), traumatismo e pericardite idiopática (possivelmente viral).

Segundo a semiologia cardiológica, o mais importante sinal físico da pericardite, o atrito pericárdico – ruído/som de alta freqüência, áspero, raspante –, é produzido pela fricção que ocorre entre os folhetos inflamados ou espessados do pericárdio.



José de Souza Andrade Filho
é membro da Academia Mineira de Medicina e professor de Patologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Os pechisbeques

Guido Arturo Palomba



Dá pena ler as referências bibliográficas das principais revistas de psiquiatria editadas no Brasil. Praticamente todas, sem exceção, editam artigos cujos autores fazem referências apenas a livros em língua inglesa. Parar ter idéia do tamanho dessa praga cultural, a última edição de uma importante revista brasileira de psiquiatria, em 13 artigos editados, fez 430 citações, sendo 415 em inglês e 15 em português.

Ora, a existência de revistas que publiquem artigos cujos autores citam 99,99% das fontes em língua inglesa permite tirar pelo menos três conclusões. Primeira: os trabalhos editados no Brasil não

prestam. Não prestam por que só são citados 0,01% (e existem muitos). Segunda: os autores são biglotas, porque não há *nenhuma* citação de livro em francês, em espanhol, em italiano, em alemão. Terceira: se os artigos são assim constituídos, amanhã, quando outros

autores vierem, não participarão das referências bibliográficas dos novos trabalhos, ou, melhor, participarão, sim, na mesma frequência com que suas referências bibliográficas citaram os artigos em língua portuguesa, ou seja, 0,01%. Se não for essa a justificativa pela penúria, a outra alternativa é pior: os trabalhos não prestam, são pechisbeques.

Guido Arturo Palomba
é diretor cultural da Associação
Paulista de Medicina

Anedotário médico (parte III)

Oswaldo Lacreta

O médico lhe deu instruções para apressar-lhe a cura? Claro, ele me esclareceu: cada visita custará 5 dólares.

Nosso professor de farmacologia, Cantídio de Moura Campos, era apelidado Can-Can. Em uma das aulas, ao falar das reações da sulfamidas, inovação da época, ao soletrar exantema, falou echantema. Mudamos-lhe o nome para Chan-Chan.

O mestre de embriologia da Faculdade de Medicina de São Paulo Carmo Lordy gostava de perguntar às alunas, na prova oral, qual o órgão que mais crescia no corpo humano, em certas circunstâncias. As moças ficavam coradas e Lordy acrescentava logo: "Não é o que a senhora está pensando, é o útero grávido!"

B.S., ou seja, Benedito Sousa, compunham as iniciais de um empregado da sala de dissecação da Faculdade de Medicina de São Paulo, usadas no avental. Os estudantes deturparam -lhe o significado para Bum-Bum Sujo.

O povo inglês sempre foi arrogante, ambicioso, dominador e se julgam a elite da raça humana, nada os perturba, conforme consta da história. O irônico Bernard Shaw afirmava: ser inglês é a coisa mais difícil do mundo! O ditador Cromwell teve malária e o médico lhe receitou quinino, o remédio da época. Ao ler na bula "erva dos jesuítas", porque fora levada do Peru para a Europa pelos êmulos espanhóis, disse: "Eu sou anglicano e não vou tomar esse remédio". Parece que faleceu de maleita!

Havia um estudante muito parecido com Pasteur. Ao esperarmos o professor para a aula teórica, com o anfiteatro cheio, no momento da entrada do sósia, nós gritávamos: "Pasteur, não existem micróbios!"

O mosquito portador da dengue tem a parte superior do corpo listrada de preto e branco e o resto sara-pintado de idênticas cores. O mestre de infectologia professor Amato julga-o perfeito corintiano...

Serviço de endocrinologia e metabologia

Lício Marques de Assis

Dois acontecimentos importantes ocorridos no limiar da década de 1930 e início da década de 1940 contribuíram, decisivamente, para traçar os rumos que levariam à criação e ao desenvolvimento da atual disciplina de endocrinologia em São Paulo, reconhecida, em breve tempo, pelos meios científicos internacionais: a deflagração da Segunda Guerra Mundial em setembro de 1939 e os conturbados anos precedentes, e a inauguração do Hospital das Clínicas de São Paulo.

O primeiro desses eventos desfez, temporariamente, o estreito vínculo que prendia a medicina paulistana à européia, especialmente à francesa, que já vinha experimentando certo declínio e mostrava uma feição muito mais apegada à propedêutica física e funcional que à experimental de laboratório, visando o esclarecimento dos problemas metabólicos das diferentes patologias orgânicas. Embora reconhecendo a importância daquela propedêutica tal como era praticada no exame do paciente e da qual nunca nos deveríamos ter afastado tão radicalmente (permitia contato mais íntimo entre o médico e o doente, o que gerava alto grau de confiabilidade e afeição), sem dúvida alguma o extraordinário avanço na medicina no decorrer do século XX, em todas as suas especialidades, resultou da introdução maciça de métodos bioquímicos, físicos e físico-químicos, do uso e abuso de tubos de ensaio e animais de experimentação, do acompanhamento diário, até mesmo horário, das intrincadas modificações que ocorriam no organismo sadio e no doente.

Como estudante estagiário da IIª. Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo – antigo suporte da Faculdade de Medicina –, pude participar, pelas aulas práticas e teóricas, do final daquela fase, na qual o paciente tinha de ser minuciosamente investigado (propedêutica física e funcional), de acordo com a sadia orientação de Lænnec e Cardarelli, transcrita com clareza no livro básico de Vieira Romeiro. Naquela época não existia a disciplina de endocrinologia e os temas relativos às doenças endócrinas mais comuns (tireoidopatias, *diabetes mellitus*), eram ministrados nas cadeiras de cirurgia e clínica médica. Lembra-me, por exemplo, com que atenção ouvia o saudoso professor Ovídio Pires de Campos discorrer, com erudição, entusiasmo e clareza, sobre o quadro clínico do diabetes açucarado e suas complicações.

Durante o período da guerra, os médicos recém-formados que aspiravam à carreira universitária tiveram as suas bolsas de estudo desviadas para os Estados Unidos, que já contavam com notáveis pesquisadores europeus nos diferentes campos científicos.

No tocante à medicina, existiam centros nos quais as investigações experimentais e de laboratório relacionadas com os diferentes sistemas orgânicos progrediam rapidamente. Foi nessa época que Ulhôa Cintra, por meio da Fundação Rockefeller, recebeu uma bolsa de estudos para o Pratt Diagnostic Hospital, de onde se encaminhou para o Massachusetts General Hospital, no qual, com Fuller Albright, iria ganhar não só o seu acendrado e tão proveitoso amor às doenças ósseas e metabólicas, com também se vincular a um centro de estudos bioquímicos de investigação clínica ligados às glândulas de secreção interna. De retorno a São Paulo, Ulhôa Cintra viria a ser indicado por Cantídio de Moura Campos para chefiar o Serviço de Moléstias da Nutrição e Dietética, então anexo à cadeira de terapêutica clínica, da qual era professor catedrático. Esse serviço, instalado no Hospital das Clínicas, foi o germe do atual Serviço de Endocrinologia e Metabologia.

Ao assumir a chefia desse serviço, Ulhôa Cintra convidou para seus assistentes dois médicos, ambos também recém-chegados de estágios nos Estados Unidos: Emílio Mattar e Hélio Lourenço de Oliveira. Este último, o saudoso Hélio, após cumprir seu papel no desenvolvimento da disciplina de endocrinologia, iria, a partir de 1953, comandar a organização de todos os departamentos de clínica médica do *campus* da USP em Ribeirão Preto, levando consigo alguns médicos já aprimorados no Serviço de Moléstias da Nutrição e Dietética. A história da brilhante participação deste meu saudoso e inesquecível chefe (desde 1950, vinha substituindo Ulhôa Cintra no Serviço de Moléstia da Nutrição e Dietética) no *campus* de Ribeirão Preto já foi contada em livro biográfico publicado em 1995, numa homenagem póstuma a esse grande cientista.

Emílio Mattar estagiou no departamento de endocrinologia da Universidade de Chicago, depois no Billings Hospital e finalmente no Michael Reeds Hospital durante sua permanência nos Estados Unidos, de 1941 a 1944.

O Serviço de Moléstias da Nutrição e Dietética compunha-se, essencialmente, de duas enfermarias, de algumas salas adaptáveis a laboratório de pesquisa e de um pequeno ambulatório. Nesse espaço relativamente pequeno, Ulhôa Cintra, Emílio Mattar e Hélio Lourenço de Oliveira planejaram e transformaram o serviço num ativo centro de pesquisa, mediante a introdução de numerosos métodos de investigação aplicados ao estudo da patologia de diversos sistemas, especialmente, doenças renais e das glândulas de secreção interna. Em 1950, quando

Ulhoa Cintra assumia como professor catedrático a 13ª cadeira de clínica médica, a endocrinologia já se constituía numa disciplina plenamente desenvolvida e atualizada, tanto no aspecto assistencial a qualquer tipo de afecção endócrina, como no aspecto didático e, sobretudo, de pesquisa.

Desde o início vinha recebendo estagiários de vários pontos do país. Numerosos cursos de aperfeiçoamento eram organizados anualmente, e seguiu-se mais tarde a anexação do serviço à clínica médica, como uma de suas disciplinas, pela promoção de simpósios e congressos nacionais e internacionais.

Em ritmo acelerado, numerosos trabalhos científicos passaram a ser seqüencialmente elaborados e produzidos, muitas vezes com a colaboração de serviços de outras clínicas e de cadeiras básicas da faculdade. Sucediavam-se publicações em revistas nacionais ou estrangeiras de teses de mestrado, doutorado, e um sem-número de teses de livre-docência.

Tão célere foi o desenvolvimento da disciplina, tanto se agigantou que se tornou necessário o seu desmembramento em grupos de trabalho ligados a cada uma das glândulas do sistema endócrino. Este desmembramento visava facilitar o planejamento científico, didático e, até mesmo, assistencial de ambulatório e enfermaria.

É natural que, pelo encaminhamento correto, útil e bem-sucedido dos projetos elaborados inicialmente pelo três investigadores, seria indispensável o concurso de um grupo selecionado de participantes, a colaboração de outros serviços do próprio hospital em início de instalação e dois serviços das cadeiras básicas da faculdade já austeramente instalados no prédio da Avenida Doutor Arnaldo. Aqui estão incluídos, além dos médicos recém-formados, os habilitados técnicos em bioquímica (alguns deles instruídos no próprio serviço), enfermagem especializada, nutricionistas e trabalho, muito trabalho e dedicação. Dedicação que só poderia ser oferecida a uma triade inteligente, generosa, compreensiva e harmônica.

Atualmente, todos os que orientam a assistência, o ensino e a pesquisa no serviço de endocrinologia do Hospital das Clínicas de São Paulo, ao comemorar meio século de atividades, representam, indubitavelmente, os frutos que amadureceram neste importante ramo da medicina, graças à fecunda, rica e talentosa seiva intelectual, vinda daquelas três raízes, entrelaçadas e assim fortalecidas, pela feliz coincidência daqueles dois eventos.

Temos a impressão de que algumas sementes destes frutos devem ter brotado em outros estados da federação, especialmente, Paraná, Minas Gerais, Pernambuco e Bahia, e sem dúvida alguma a disciplina contribuiu de modo decisivo para a fundação da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia e a ressurreição dos Arquivos Brasileiros de Endocrinologia, editados inicialmente no Rio de Janeiro.

No estado de São Paulo, a disciplina de endocrinologia da Pontifícia Universidade Católica de Sorocaba, da Faculdade de Medicina da Unesp de Botucatu, da Faculdade de Medicina da Universidade dos Franciscanos de Bragança Paulista e da Faculdade de Mogi das Cruzes deve a sua instalação a médicos instruídos nesse serviço.

Tudo isto, repetimos, fruto de muita dedicação e muito trabalho. E com a perseverança deste trabalho, já com os rumos tracejados, e as gerações de especialistas que se sucederam nestes 50 anos de vida do Hospital das Clínicas – muitos deles reconhecidos no âmbito científico internacional –, o conceito da endocrinologia paulista não apenas se manteve, mas foi exaltado ainda mais, na essência dos propósitos visados pelos seus iniciadores: a pesquisa ininterrupta dos mecanismos mais íntimos (hoje pela biologia molecular) que se processam no interior das glândulas endócrinas normais e das alterações adquiridas ou geneticamente determinadas que levam à desarmonia das funções e da doença. Tudo isto com o objetivo final de bem assistir o doente e de bem ensinar o futuro especialista ou pesquisador.

Finalmente, é preciso lembrar que, cessada a guerra, nas décadas que se sucederam, a pesquisa médica na Europa, em todas as suas especialidades, reassumiu junto com os EUA sua posição de vanguarda.

Se existe alguma defasagem, antes muito ampla, hoje pouco mais estreita, em prejuízo de nosso país, é que nos faltam os subsídios públicos e, sobretudo, da iniciativa privada, que são extremamente generosos para a pesquisa pura e aplicada nos países mais ricos.

Ao termo deste breve histórico, o atual Serviço de Endocrinologia e Metabologia, que acolheu no hospital a disciplina criada na faculdade de medicina, deve reconhecer e lembrar, individualmente, os que, por sua aptidão e devotamento contribuíram de forma eficaz para sua correta estruturação funcional, tal como hoje se apresenta após 50 anos de atividade. A chefe de enfermagem, Maria José Braga, a nutricionista Izaura Leite, a secretária do serviço, Iolanda Curban, os primeiros técnicos, Antônio Germano das Silva, Cecília, Celina

e Lillian Amorim, e os médicos Raphael Giannella, Domingos Abraão Lomonaco, José Gonçalves, Silvio Soares de Almeida, Ary Lopes de Almeida, Atílio Zelante Flosi, Jorge de Moraes, Cássio Bottura, José M. Tabosa Veríssimo, Mário Mansur Ferreira Guérios, Oswaldo Franco, Walter Bloise, Dorina Epps, Bernardo Léo Wajchenberg, Aurélio, Maria Odete Ribeiro Leite, Antônio da Silva Coelho Neto, José Shnaider e Cássio Ravaglia.

Com o jubileu de Ulhoa Cintra, o cargo foi ocupado por quem, naturalmente, merecia sucedê-lo. E foi com grande competência científica, didática e ética profissional que Emílio Mattar,



agora como titular da disciplina, deu continuidade ao programa de expansão do Serviço de Endocrinologia e Metabologia do hospital no período de 1977 a 1986.

Atualmente, um filho da casa, Bernardo Léo Wajchenberg, é o legítimo sucessor de Emílio Mattar.

Desde jovem estagiário, mostrava, com entusiasmo e exuberância, sua tendência para a pesquisa científica. Esta tendência, aliada a grande capacidade de trabalho e a uma ética profissional tão bem influenciada pelos seus predecessores, permitiu a Wajchenberg promover avanço de invejável qualidade em todos os setores de atividade do serviço, atualmente, desmembrado nos seguintes grupos e contando com os seguintes especialistas:

- Tireóide: Geraldo Antônio Medeiros Neto
- Diabetes: Antonio Carlos
- Aqui merece uma referência especial o nome de Armando de Aguiar Pupo, que trabalhou nesta área
- Supra-renal: Jaime Goldman
- Sistema reprodutor: Walter Bloise e Berenice B. Mendonça
- Doenças ósseas e metabólicas: Aurélio Borelli e Maria
- Odete Ribeiro Leite
- Sistema hipotalâmico-hipofisário: Bernardo Liberman
- Endocrinologia genética: Sérgio de Almeida Pereira Toledo
- Grupo geral: Alfredo Halpern
- Laboratório geral de hormônios e bioquímica dos produtos intermediários: Walter Luthold
- Biologia molecular: Daniel Gianella
- Laboratório de lípidos: Éder Quintão
- Aplicação de radioisótopos à endocrinologia: Wilian Nicolau e Paulo Aguirre

Neste último grupo é não apenas oportuna, mas obrigatória uma referência particular a Rômulo Ribeiro Pieroni, sob cuja chefia trabalhei por mais de dez anos no Centro de Aplicações Biomédicas de Radioisótopos e Radiações do Instituto de Pesquisa Energética de São Paulo. Médico formado pela USP, fez-se também físico por essa mesma instituição, exercendo suas atividades profissionais, simultaneamente, no Hospital das Clínicas e naquele instituto, até ser conduzido à diretoria do Ipen.

A ele se deve a introdução dos métodos radioisotópicos na terapêutica e pesquisa, não apenas na endocrinologia, mas em vários outros serviços desse e de vários outros hospitais e escolas médicas do país. Como diretor do Ipen por vários anos, dotado de excelente tino administrativo e incansável no trabalho (o primeiro infarto colheu-o num domingo à tarde em seu gabinete de trabalho), deve ser reconhecido como o principal responsável pela organização dos setores ligados à produção dos isótopos radioativos, após a inauguração do reator. Não só à produção, mas à distribuição dos elementos radioativos para aplicação na medicina, na indústria e na agricultura, paralelamente às recomendações de proteção às radiações, de acordo com as especificações do Conselho Nacional de Energia Nuclear. Inúmeros trabalhos de expressão internacional realizados no Serviço de Endocrinologia e Metabo-

logia foram uma decorrência natural subsequente à introdução da nova metodologia. É justo, portanto, que o hospital me delegue a honra de homenageá-lo, postumamente, neste texto.

A publicação de um magnífico *Tratado de Endocrinologia*, o primeiro editado neste país, já nas vizinhanças do seu jubileu, endossam os elogios que o autor desta história tributou a Wajchenberg, quando se referia ao início de sua gestão em 1987; atualmente, estes elogios podem ser estendidos aos mais antigos e mais jovens colaboradores de sua obra, a qual há de se mostrar de inestimável proveito para orientar os estudantes e médicos de todo o país, independentemente, dos rumos de especialização por eles escolhidos, embora mais adequado para os endocrinologistas.

Além de Hélio Lourenço de Oliveira e Armando de Aguiar Pupo, alguns outros, cujos nomes foram aqui referidos, não alcançaram o jubileu de ouro do serviço que eles ajudaram a instalar. O serviço poderia dispor daquele delicado instrumento, aqui com certeza de ficção, capaz de fazer se cristalizarem nestas linhas palavras de ouro que traduzissem de jeito permanente simpáticas e fervorosas homenagens de apreço dos amigos que ainda o servem e dos que vierem, sem os ter conhecido, a servi-lo nos jubileus futuros.

Quem leu no poema de Robson (1849-1920) estes versos:

Time goes, you say... oh! no!

Alas! Time stags... we go...

há de supor que este último parágrafo ou, vá lá!, o texto inteiro tenha sido furtivamente influenciado por essa irônica reflexão. Mas peço ao leitor que não me condene por isso, pois nem sequer estive pensando no tempo e sim na história: nós passamos, a história fica. E ela há de ficar com glória, não para o autor que fortuitamente a escreveu, mas para aqueles que a souberam construir, com amor ao trabalho, desprendimento material, muita sabedoria, rica orientação e, sobretudo, aquela tão abrangente e elevada ética profissional e científica dos seus guias originais.

Por fim, não sem uma estranha sensação de emotividade e invadido por um sentimento de sobeja gratificação, o autor deste vê encerrado o seu currículo e adita, subjetivamente, ao seu memorial, o último dos seus trabalhos, modesto artigo de caráter dissertativo, que poderia receber o título "Uma breve história do desenvolvimento e instalação do Serviço de Endocrinologia e Metabologia do Hospital das Clínicas" – artigo de índole desprezível e superficial, mas que não surpreenderia, a nenhum de seus leitores, se alguém descobrisse nele uma significação mais profunda, para quem o escreveu, após 50 anos de convivência harmoniosa com seus colegas.

Lício Marques de Assis

é professor associado de Endocrinologia da Faculdade de Medicina de São Paulo

Relembrando Josué de Castro (1908-1973) em Homens e Caranguejos

Carlos da Silva Lacaz

Josué de Castro, médico e grande estudioso da fome no Brasil, nascido a 5 de setembro de 1908 na cidade do Recife, por ele denominada a Hong Kong da América, com toda sua miséria acumulada, é merecidamente relembrando quando se reedita *Homens e Caranguejos*, obra de sua autoria que nos mostra os mangues do Capibaribe com o que ele jocosamente chamou de sociedade dos caranguejos, principalmente os famosos guaiamus.

Recife, onde Josué de Castro viveu sua infância, é a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, bem como dos mocambos, dos casebres de barro batido a sopapo, cobertos de capim, de palha de coqueiro e de folhas-de-flandres. Todo o seu romance se passa nesta bela cidade do Nordeste brasileiro, onde muitos de nossos irmãos que vivem nos mocambos se alimentam somente de caranguejos e de farinha de mandioca.

Josué de Castro diplomou-se em 1929 pela Faculdade Nacional de Medicina. Livre-docente de fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife, em 1932, foi professor catedrático de geografia humana e de antropologia e deputado federal pelo estado de Pernambuco, de 1954 a 1962. Exilado – não se podia falar em fome durante a ditadura militar –, faleceu em Paris, a 24 de setembro de 1973, referindo que também se morre de saudade, saudade de sua pátria que ele tanto amava. Foi o renomado médico quem deu à fome o seu estatuto político e científico ao levantar entre nós e em todo o mundo esse grave problema.

Geografia da Fome, publicado originalmente em 1946, é sua obra mais conhecida. Nela, refere um de seus biógrafos, Manuel Correia de Andrade

(1997), Josué de Castro desmascarou o grande problema nacional, ou seja, o peso da fome no subdesenvolvimento brasileiro, mostrando-a não como causa, mas como consequência no processo de colonização a que o país fora submetido. Ganhou seu livro grande dimensão internacional. Dentre as obras publicadas por Josué de Castro figura seu maravilhoso romance *Homens e Caranguejos*, de 1958, agora reeditado pela Civilização Brasileira (Rio de Janeiro, 2001), cujo personagem central é o drama da fome, com a história, por exemplo, de um menino pobre abrindo os olhos para o espetáculo do mundo, em uma paisagem que toda ela é um braço de mar – um longo braço de um mar, um longo braço de um mar de miséria.

Os habitantes dos mangues – homens e caranguejos, nascidos à beira do rio –, à

medida que vão crescendo, iam cada vez mais se atolando mais na lama.

Logo, o grande brasileiro travou conhecimento com a sociedade dos caranguejos. Depois, a dos homens habitantes dos mangues, irmãos de leite dos caranguejos, anfíbios, ambos filhos da própria lama. Foi nesse ambiente que Josué de Castro começou a criar o mundo de sua infância, com a angústia da fome.

Os mangues do Recife constituem o paraíso dos caranguejos. Neles, esses pequenos animais nascem, vivem deles, crescem comendo lama, engordam com a porcária deles, fabricando a carne de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. E é nesta aparente placidez do charco que se desenrola, trágico e silencioso, o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando os homens e os caranguejos, todos atolados na lama.

Vale a pena ler e reler o belo romance do saudoso médico e antropologista recifense. A triste paisagem do manguê, com a lama que alimenta o ciclo do caranguejo é descrita de forma magistral em cenários verdadeiramente antológicos, ressaltando mais uma vez a grande personalidade de um brasileiro ilustre devotado à sua pátria e ao seu generoso povo.

Relembrando a figura do eminente colega, nós não o veremos desaparecer nas trevas infinitas. Sua obra, feita de ricas benemerências, lhe confere valor eterno.



Médico recifense, grande estudioso da geografia da fome, tema proibido na época em que viveu. Um brasileiro universal, um cidadão do mundo. Morreu em Paris, exilado, a 24 de setembro de 1973, com saudade de sua pátria.

Carlos da Silva Lacaz
foi professor emérito
da Faculdade de Medicina
da Universidade de São Paulo
e ex-presidente da Sociedade
Brasileira de História da Medicina

Perfis memoráveis

Paulo Bomfim

Perco a galeria de *Perfis Memoráveis* de Caio Porfírio Carneiro e percebo que as clareiras não foram rearborizadas.

O bosque das lembranças vai-se povoando de vazios.

Perdida para sempre a redação de *A Gazeta* onde, diariamente, convivía com Abguar Bastos e seus igapós de segredos, Corrêa Junior e Judas Isgorogota e as Alagoas líricas, Henrique L. Alves e o abraço que vinha do Mar Báltico. Foi aí que fiquei conhecendo Jorge de Lima e Luís da Câmara Cascudo e recebi dois jovens poetas que me traziam os primeiros livros: Saulo Ramos e Euríclides Formiga.

Prossigo no memorar de Caio. Re-encontro Solano Trindade, Mário Donato e Marcos Rey no Clubinho dos Artistas, e revejo Geraldo Santos, na Rua Sete de Abril, falando de D. H. Lawrence a "loucos poetas, amantes".

Volto ao ano de 1945, a uma noite em casa de Jovina e Samuel Pessoa e conheço Afonso Schmidt que escreveria a primeira crônica sobre meu futuro livro *Antonio Triste*.

Nesse mesmo ano, em Águas da Praia, encontro Cassiano Ricardo que me lê poemas de *Um Dia Depois do Outro*, que publicaria em 1947.

Prosseguindo a peregrinação por *Perfis Memoráveis*, visito Oliveira Ribeiro Neto em sua mansão nos Campos Elísios; depois, vou conversar com José Geraldo Vieira e Maria de Lourdes Teixeira no apartamento da Rua Xavier de Toledo. Evocamos Raul de Leoni, Ismael Nery e Felipe de Oliveira.

No vestibulo da madrugada o diálogo com Plínio Marcos e Walter Nogueira da Silva.

A Praça Dom José Gaspar palpita: é o coração de Sérgio Milliet.

Na UBE da 24 de Maio revejo o delegado Raimundo de Menezes, o faixa-preta Ibiapaba Martins e o olhar cinematográfico de Tito Batini.

Longe, o vozeirão de Mario Gracioti me fala do Clube do Livro.

Redescubro Julieta de Godoy Ladeira, com 18 anos, entrando na classe do professor Colombo de Almeida, no Colégio Osvaldo Cruz.

Na Standard Propaganda, Hernani Donato me apresenta um recém-chegado: Ricardo Ramos.

Almoço com Maria José Dupré e José Mauro de Vasconcellos no apartamento de meus primos Joaquim e Maria da Penha Müller Carioba.

A mesa da Academia Paulista de Letras vai-se povoando de convivas. Menotti Del Picchia fala sobre a Semana de Arte Moderna, Fernando Góes evoca Paulo Gonçalves, Antonio D'Elia descreve a figura do Major Molinaro, Sérgio Buarque de Holanda percorre o Peabirú, Nelson Palma Travassos divaga sobre sua mocidade e Luís Martins nos transporta para a boemia literária do velho Rio de Janeiro.

Do fundo de um memoriar, o telefone toca. É Décio de Almeida Prado pedindo a colaboração para o Suplemento do *Estado*. Era uma época em que havia suplementos literários e convites para colaborar.

Mário Quintana chega a São Paulo e coloca na Barão de Itapetininga os cata-ventos de sua rua.

No feltro verde da mesa de snooker, João Antonio semeia *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*.

Caio Porfírio Carneiro mestre em convivência, traz da *Primeira Peregrinação*, da *Mesa de Bar* e de *Contagem Progressiva* o dom de evocar e a missão de invocar perfis de saudade que deram a nossas vidas memoráveis momentos. O senhor do conto se transforma no retratista que sua geração estava pedindo.

Numa época em que há mais espaços culturais do que cultura dentro deles, o mecenas federal, estadual e municipal ignora que a memória bandeirante encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico, na Academia Paulista de Letras e na União Brasileira de Escritores que sobrevivem a duras penas.

A dama UBE, casada há tantos anos com o Juca Pato, tem no escritor Caio Porfírio Carneiro o cavaleiro andante que luta por suas cores desde a 24 de Maio e a Barão de Itapetininga. Naquela salinha próxima do antigo escritório de Guilherme de Almeida, e da Confeitaria Vienense, onde os violinos emudeceram para sempre.

Agora, de lança em riste, o autor de *O Casarão* defende a antiga residência de Mário Tavares, na esquina da Marquês de Paranaguá com Visconde de Ouro Preto, futura pasárgada dos escritores paulistas.

Se aqueles que inspiraram os *Perfis Memoráveis* vivessem ainda, certamente estariam lutando ao lado de Caio Porfírio Carneiro para dar à União Brasileira de Escritores uma sede condigna de sua história.

Paulo Bomfim é poeta

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore / Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira